

ESPAÇO E IMAGINÁRIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

**Eduardo Pimentel Menezes UERJ/PUC-RJ
epmenezes30@gmail.com**

O presente artigo possui como objetivo geral analisar as relações entre a noção/categoria de espaço Geográfico em uma dimensão científica e sua construção e formação na Geografia escolar, utilizando-se da Teoria do Imaginário numa perspectiva fenomenológica. O referencial teórico-metodológico baseia-se em teorias acerca da concepção de espaço nas Ciências Sociais, em especial na Geografia (David Harvey, Milton Santos, Ruy Moreira, Henri Lefebvre) e acerca do imaginário em uma dimensão fenomenológica (Gilbert Durand e Gaston Bachelard). A pesquisa possui uma dimensão eminentemente teórica, buscando relacionar alguns dos principais estudiosos acerca da noção de espaço discutidas na Geografia, algumas das propostas existentes de alfabetização espacial e cartográfica e os princípios da Teoria do imaginário na perspectiva bachelardiana.

Palavras chave: espaço – imaginário e Geografia

Espaço, imaginário e Geografia

O sonho e o devaneio são geralmente vistos como sendo sinônimos, na percepção do cotidiano. Para a nossa reflexão, esse aspecto merece uma atenção especial, já que, apesar de serem termos intercambiáveis, ambos não são sinônimos. Bachelard (2006) deixa clara a necessidade de distinguir o sonho e o devaneio a partir da fenomenologia. Existe a necessidade e a importância de se trabalhar com os dois, evitando confundi-los. A primeira indagação surge com o questionamento sobre a possível existência de uma “consciência do sonho”. Um sonho pode nos parecer muito estranho, pois pode ter sido vivenciado por outra pessoa dentro de nós. É possível observar a representação dessa percepção através da expressão: um sonho nos visitou. O sonho possui um caráter de passividade. Seu convencimento se faz pela reanimação do mesmo por meio da narrativa elaborada em vigília, quando construímos relatos dos nossos sonhos, aventuras vivenciadas em outro tempo e espaço. Essa trajetória se faz acompanhar, inconscientemente, de acréscimos que animam essa aventura noturna. A pessoa que conta um sonho se diverte com a sua

narrativa e espera que quem escute também se divirta. A convicção de ter vivenciado o sonho é algo sempre presente e que se reforça pelo ato de contá-lo.

A partir dessa observação, devemos buscar o devaneio no sonho e não o contrário. Os momentos de tranquilidade no pesadelo se constituem no devaneio. A distinção entre o sonho e o devaneio ocorreria então pela ideia de espaço presente na fronteira entre ambos. Uma fronteira que não separa nem demarca, mas os liga e envolve. Mesmo sem saber exatamente o que se constitui no sonho ou no devaneio, podemos perceber a noção do cenário onde eles ocorrem. É pelo cenário, que nós aqui chamaremos de espaço, que o mundo sonhado – o paraíso, a utopia - reencontra a consciência. O elemento de lucidez no mundo do sonho e do devaneio representa-se pela noção de espaço presente em cada um de nós. Como construir essa noção nos parece ser de crucial importância para o desenvolvimento de uma inteligibilidade de mundo em que a razão ajusta e enquadra a imaginação e nos faz compreender o mundo em que vivemos. De que forma realizamos a interseção entre o espaço vivido e o espaço sonhado? Essa pergunta pode nos auxiliar na compreensão da relação entre os espaços vivido, percebido e concebido, tão significativos na construção da noção de espaço pela criança.

O processo existencial narrado até então nos traz um desafio: diferenciar memória e imaginação. Como temos a pretensão de encontrar contribuições no devaneio para compreender o processo de construção da noção de espaço pela criança, julgamos relevante observar que a distinção entre memória e imaginação é nitidamente difícil nas recordações da infância, pois nela o domínio das imagens amadas e guardadas na memória se confunde com fantasias e memórias. Utilizando as palavras de Bachelard (2006, p.20) afirmamos que “a memória sonha e o devaneio lembra”. As lembranças que vivem pela imagem, na sua potencialidade, podem tornar-se um devaneio bastante complexo.

Acreditamos na importância de uma filosofia ontológica da infância, favorecendo sua durabilidade. Como alguns traços da infância duram a vida inteira, quando favorecemos a sua duração, podemos permitir a contribuição de uma compreensão temporo-espacial, dada não apenas pela razão. É justamente a infância que anima vários setores da vida adulta. Acreditar na relevância desse processo pode nos ajudar a pensar uma razão infantil, vivendo com a criança que fomos e com a

consciência que possuímos. Não propomos aqui desenvolver uma psicologia da criança. Estamos a tecer considerações sobre a relação entre o devaneio e a infância e a sua contribuição no processo de construção da noção de espaço pela criança. De que forma os dramas acerca de nossa percepção sobre espaço podem renascer em situações que não se apagam?

Da mesma forma que a infância, a esfera poética do nosso tempo e as imagens que são evocadas também nos invadem por todas as dimensões. As imagens nos animam mesmo em velhas leituras, em velhos livros que relemos com diferentes olhares em diferentes tempos e espaços. Devemos ser capazes de receber as imagens e acolhê-las em nossa forma de ver o mundo, desejando-as e permitindo-as invadir os nossos pensamentos e reflexões para, dessa forma, transformar e reconstruir constantemente o que concebemos. Os devaneios da literatura reinstauram esse lugar quando voltamos aos livros amados. A infância é um “lugar” que permanece dentro de nós e para onde nos evadimos pela memória e imaginação.

O devaneio pode nos auxiliar a repensar o penoso divórcio entre o intelecto e a imaginação. Quando não mais nos dividimos entre observador e coisa observada, numa clara situação da investigação científica clássica, o sonhador pode se confundir com o seu devaneio.

O onirismo das palavras e sua fecundidade feminina permite pensar sobre a natureza do espaço numa perspectiva de gênero. Se a inversão feminina do espaço insulta sua fecundidade, o espaço apresenta-se diante de um devaneio feminino. Podemos citar os nomes dos rios franceses, em sua maior parte, femininos: Alba, Sena, Mosela e Loire. Divagar sobre o nome das coisas faz renascer o seu sentido e significado. Como afirma Bachelard (2006, p.29), a palavra chaminé é um caminho da suave fumaça que caminha lentamente em direção ao céu. A dimensão feminina resgata a lentidão, num mundo fluído, reticulado, desterritorializado e acelerado dos tempos modernos. O autor (2006) também concorda com C.G. Jung, ao observar que, em latim, os nomes de árvores têm uma terminação masculina e, todavia, são femininos. Essa suposta contradição seria, provavelmente, a explicação para a associação de numerosas imagens andróginas associadas à substância das árvores. A fecundidade feminina, do espaço e do silêncio, nos remete à ideia de paz silenciosa da extensão espacial.

Buscamos repensar a complementaridade e rivalidade entre o conceito e a imaginação. A imagem pode fornecer matéria ao conceito? De acordo com Hillman (2001) sim, já que a imagem é a gênese do conceito. Para Bachelard (2006) o conceito ao dar estabilidade à imagem, tira sua vida. Como pensar o conceito não apenas em oposição à imagem? Como associá-los sem retirar suas respectivas essências? Como podemos nos fazer valer da imagem sem desprezar os conceitos? Afirma, ainda, que as imagens, numa cultura científica, acabam gerando e sustentando conceitos e isso seria abominável, mas ele demonstra também que essa contrariedade situa-se no raciocínio que aborda o conceito, em sua atividade essencial, sem utilizar-se de imagens. Demonstra-se assim a criação do conceito em uma perspectiva apenas racional em que, portanto, o conceito recebe o seu sentido e o seu rigor apenas em suas relações racionais. O autor chama esse tipo de conceito de interconceito. Observa, ainda, que o conceito funciona melhor quando se encontra privado de qualquer imagem de fundo e por isso não teria como associá-la a um conceito que não considerou a imagem em seu processo de formação.

O autor apresenta a dualidade de polos entre imagens e conceitos, a partir da dualidade entre imaginação e razão. É diferente dos polos do magnetismo, pois entre imagem e conceito existe a exclusão e não atração. Eles se repelem e também se complementam na consciência imaginante. Em Bachelard, o animus pensador complementa e concorre com a alma emergente. Afirma inclusive que é preciso amar os poderes psíquicos com dois amores diferentes quando se ama os conceitos e as imagens. Seria necessária uma tranquilidade de consciência para trabalhar, alternadamente, os conceitos e as imagens. Apresenta essa discussão em duas obras: uma sobre o racionalismo aplicado e outra sobre a imaginação ativa. Tentaremos desafiar essa tranquilidade no presente trabalho. Compreendemos as polaridades distintas e a necessidade de tensão entre elas, mas acreditamos na sua complementaridade e concorrência.

O que buscamos verdadeiramente reconhecer é que não podemos julgar dignos de nossa atenção apenas os casos em que estamos seguros de nossa objetividade. Busca-se então sonhar as imagens que aparecem nos devaneios e, portanto, construir uma observação sonhadora, o que, numa visão objetivista do observador, concretiza-se como uma monstruosidade e algo impensável. Perceber a

importância da observação sonhadora no processo de compreensão de um fenômeno ou de uma pesquisa é algo que acreditamos ser necessário desenvolver. É nesse aspecto que julgamos ser possível coexistir as supostas polaridades contraditórias do pensamento racional com a inclusão da imagem. Nosso argumento se constitui na possibilidade de potencializar o devaneio como uma função dotada da capacidade de liberdade, ou seja, de libertar-nos das amarras da vida e de suas formas pré-concebidas de compreensão da realidade.

Esperamos contribuir com os pensamentos de Bachelard, não para estabelecer e acentuar a separação entre o racionalismo do pensamento científico e enveredar por uma meditação filosófica dos valores estetizantes da natureza humana. Procuramos mostrar que, com a contribuição de pensamentos como o dele, a coexistência entre essas polaridades é possível e desejável na experiência entre sujeito e objeto do conhecimento, já que é ela que garante o significado que o símbolo produz. Chama atenção para o fato de termos cuidado com os discursos vazios acerca da coexistência e de unidade dos paradigmas emergentes da complexidade. Para o autor, o ser humano, observado tanto em sua tensão de vir a ser, como em sua realidade profunda, se entrega a uma ilusão de unidade. O autor enfatiza as polaridades incompatíveis que se separam e se afastam. Em outras situações o autor demonstra a possibilidade de coexistência. Como é o caso dos substantivos utilizados por Jung para referir-se ao masculino (animus) e ao feminino (anima) das profundezas que se encontram ligados ao psiquismo humano, demonstra que ambos encontram-se relacionados e que foram tecidos juntos.

Quando nos referimos à infância, logo nos vêm à cabeça recordações do passado, as quais consideramos individuais e pessoais. Acrescentamos aqui o fato de que é pela narração dos outros que conhecemos nosso passado, se misturando com nossas experiências pessoais. É através da nossa história contada pelos outros que construímos nossos pensamentos e nossa experiência de infância, nos tornando nós mesmos. Estamos falando dos devaneios mais profundos, que nos remetem tão intensamente a nós mesmos que nos livram de nossa história e libertam-nos das histórias narradas pelos outros sobre nós. Estamos falando de algo muito relevante para o presente estudo. Referimos ao ato de sonhar, que é bem presente na criança e que o mundo racional acaba por conter, emoldurar e aprisionar como algo oposto às

ações racionais do cotidiano. É na solidão da infância, onde a criança torna-se dona de seus devaneios, que a mesma conhece a prática de sonhar, habilidade essa que futuramente é utilizada pelos poetas.

Bachelard (2006) chama esse processo do sonho das crianças e dos poetas de poético-análise. Esse processo nos ajudaria a construir em cada um de nós o ser das solidões libertadoras. Mais do que isso, a poético-análise nos permitiria devolver o poder da imaginação perdida durante a infância. Se pensarmos a memória como um amontoado de recordações, toda a infância encontra-se por ser reimaginada por meio da narrativa. O ato da reimaginação da infância nos permite reencontrá-la nos nossos devaneios. O devaneio nos ajuda no processo de resgate da nossa infância através de sonho e de imaginação, elementos fundamentais para o que pretendemos defender nesse trabalho. Como compreender o processo de formação da noção de espaço pela criança se não mais dispomos de habilidades tão valiosas? É preciso resgatá-las – é a nossa proposta neste trabalho.

O devaneio na infância é o responsável pelo que nos concedia liberdade. Que outra liberdade realmente possuímos que não seja o ato de sonhar? É no devaneio que encontramos nossa liberdade. Se uma infância habita em nós, podemos reviver suas possibilidades nos nossos devaneios, mais do que em sua realidade. Sonhamos o limite da história e da lenda, tudo que poderia ter sido. Tentaremos desenvolver nossa comunicação pelo processo de criação do poeta da infância, ou seja, por intermédio da criança que permanece em nós. A infância estaria na origem das maiores paisagens por nós registradas e percebidas. É a partir dessas paisagens registradas que compreendemos o fato de que, nos devaneios da criança, a imagem é o elemento que prevalece acima de tudo, já que as experiências só aparecem posteriormente. São as imagens primeiro.

Mas estamos falando de um processo ao qual é dada pouca atenção. Quando a criança atinge a chamada idade da razão, perdendo o seu direito irrestrito de imaginar o mundo, os pais e os educadores assumem o papel de ensiná-las a se tornarem objetivas. A sociabilidade nos é imposta, construída e empurrada. Maffesoli (1987) nos ajuda a refletir sobre essa imposição ao trazer a noção de socialidade. Essa noção é pensada em oposição à sociabilidade, já que é conceituada a partir do ato de colocar a ênfase no presente, no instante vivido além de projeções futuristas ou morais, nas

relações banais do cotidiano, nos momentos não institucionais, racionais ou finalistas da vida de todo dia. A socialidade é para o autor, um conjunto de práticas cotidianas que escapam ao controle social e que constituem o substrato de toda vida em sociedade, não só da sociedade contemporânea, mas de toda sociedade.

Através da sociabilidade a criança é preparada para sua vida de homem estabilizado na história de sua família. Grande parte das lembranças da primeira infância de uma criança são “ensinadas”, constituem uma história que as mesmas aprendem a contar. A infância constitui-se como algo que acaba sendo construído para que a mesma siga o caminho já percorrido pelas outras. Para Bachelard (2006), a criança encontra-se em uma zona de conflitos familiares, sociais e psicológicos, onde se torna um indivíduo prematuro e recalcado no estado de infância.

A infância possui uma potencialidade relacionada ao passado. Quando somos tomados pelo esquecimento os poetas nos recomendam imaginar a infância. Temos consciência das múltiplas fontes da infância e acreditamos que isso torna possível traçar uma Geografia de múltiplas interpretações. O devaneio voltado para a infância possui um passado morto e tem em nós um possível futuro relacionado às imagens vivas e redescobertas.

Percebemos a relação entre infância, passado e imaginação, que se encontram através do devaneio. A construção da noção de espaço não se realiza sozinha. A noção de tempo hibridizando-se através do espaço é que auxilia na compreensão de um mundo espaço-temporal iniciado na infância. Os devaneios infantis não são metafísica. O fato de tais devaneios não se encontrarem ao alcance de todos não significa que sejam apenas loucos sonhadores. A dimensão racional, quantitativa e cronométrica do tempo, assim como sua correspondência racional, quantitativa e geométrica de espaço não concedem lugar e significado às dimensões espaço-temporais do devaneio. No âmbito do sonhador, torna-se difícil pensar a relação de dez séculos com um milênio. Nos sonhos de infância, tempo e o espaço não são algarismos, eles vão longe e o milênio íntimo possui outro significado.

Como afirma Bachelard (2006), no devaneio voltado para a infância, a profundidade do tempo não é uma metáfora tomada de empréstimo à medida de espaço. A lembrança pura só teria como ser encontrada no devaneio, já que não possui hora marcada para acontecer ou retornar. É sobre a chamada lembrança inútil

da infância que estamos nos referindo. A lembrança pura, inútil, de uma infância inútil que alimenta o devaneio. A lembrança da infância afirmaria a utilidade do inútil. Que tal refletirmos sobre a importância do inútil e do desimportante?

As lembranças que possuímos a partir do que nós mesmos narramos, ou do que os outros contam e nos dizem como éramos na infância seriam lembranças realmente verdadeiras? Seria necessário dissociar a nossa memória para além das lembranças ditas, reditas e contadas. Para isso é que a fenomenologia da poética do devaneio nos ajudaria a redescobrir o nosso ser desconhecido. Esse processo seria de suma importância para descobrir uma infância sem devir, livre das engrenagens do calendário.

Sob esse ponto de vista, não seria mais o tempo dos homens racionais cronométricos que reinaria sobre a nossa memória, nem dos santos, mas das quatro grandes divindades do céu: as estações. Esse aspecto nos faz pensar sobre o momento anterior ao desenvolvimento do capitalismo, em que o homem comum pensava o seu espaço a partir da sucessão das diferentes estações do ano. Eram as estações que constituiriam a marca decisiva das nossas lembranças. Que sol, que vento, que chuva fazia no dia de nossa memória? A partir desse ponto de vista, as lembranças tornam-se grandes imagens engrandecidas, associando-as ao universo de uma estação. O inverno, o outono, a primavera, o verão, o rio, o sol são raízes das estações. Não seriam apenas objetos da visão, mas valores da alma indestrutíveis. E se são vividos na memória são sempre positivos. O sentido das lembranças associados à dimensão perceptiva dos nossos sentidos imediatos, formam um dueto distinto e que se complementam na construção das nossas concepções racionais e intuitivas. É nesse momento que destacamos a importância da fábula construída pela própria criança, diferente das fábulas que vivem na imaginação das mesmas. É através do seu devaneio que a mesma encontra suas fábulas. A fábula não deve divertir, e sim encantar. Isso se torna cada vez mais difícil, à medida que perdemos a linguagem do encantamento. Quando atingimos a idade madura, temos o prazer em contar os sonhos da nossa infância, só que muitos deles se apagam da nossa memória, pois demoramos a aprender a sua linguagem.

Não estamos acostumados a viver a fronteira entre a história e a lenda, entre a memória e a imaginação. É nesse sentido que as imagens ganham o seu caráter de

destaque no nosso raciocínio. Como saber até que ponto a criança que ainda existe em nós permanece sob o signo da infância interdita? Somente através do reino das imagens mais livres do que as lembranças é que se torna possível construir algum tipo de sentido para esse processo. Para Rousselot (apud Bachelard, 2006), a imagem significa: *e não raro é somente uma bolha de infância sob os lentiscos da tristeza* (P. 118). A infância provavelmente deve permanecer em nós como um princípio de vida profunda, de vida associada à possibilidade de recomeço, assim como o alquimista, diferentemente do cientista. Estamos abordando aqui o fato de que analisamos melhor uma infância através de poemas do que por meio de lembranças, mais através de devaneios do que se utilizando dos fatos. A escola racionalizou a memória – um método de aprendizagem que “usa” a memória para estocar informações e conteúdos escolares.

Considerando que a existência dos fatos e das nossas vidas nunca se encontra bem assegurada, nos perguntamos: por que existir, já que sonhamos? A vida começa na vida sonhada ou não sonhada? No que se refere a noção de tempo, a infância se forma através de fragmentos de tempo em um passado não definido e com começos indefinidos. É uma relação típica do alquimista. Por isso a infância meditada é sempre mais do que a soma das nossas lembranças. A própria relação com a natureza em que fazemos parte remonta a uma amizade dessa fase da vida. Ama-se o fogo, a água e a árvore como a infância, ou porque eles pertencem à esse período de vida?

Estamos a destacar a infância, que se apresenta na sociedade como a soma das insignificâncias do ser humano. Destacamos como relevante o que se apresenta como irrelevante.

O senso profundo do ver da criança se confunde com a quantidade de coisas que são estimuladas a serem vistas. Parece que uma das formas de se atingir a desinformação constitui-se no excesso de informações. Diferencia-se assim o ato de ver e o de mostrar. Como mostrar o mundo que foi perdido? Os adultos sempre dizem que sabem que podem mostrar o que foi perdido. Demonstra-se que a Terra é redonda e que gira em torno do Sol. A sala de aula constitui-se, muitas vezes, em um espaço sem espaço para o devaneio. Só quando sai da sala de aula é que a criança tem a possibilidade de atingir a liberdade para o seu devaneio, galgando a encosta. A sala de aula costumava ser a “sala de espera” para o devaneio. Quando estávamos nela,

sonhávamos com o que faríamos quando saíssemos dela. A criança sonhadora se transforma então em um ser cósmico. O devaneio permite a possibilidade de permanência da infância. Se em todo sonhador vive uma criança, potencializada pelo devaneio, é nesse processo que a história se revela, é posta fora do tempo, torna-se estranha ao próprio tempo.

Não se trata de desvalorizar a objetividade e a razão. A conquista da objetividade deve ser potencializada, mas não deve descartar interesses complexos. A questão que se destaca é que as lembranças de infância não devem ser consideradas como relatos. Os relatos muitas vezes ocultam as substâncias. Compreender a infância como algo que não morre, mesmo quando não mais a vivenciamos no seu ciclo, não pode se considerar uma lembrança. A criança contida em nós é algo de intenso valor, que nos enriquece sem que tenhamos conta. Quanta riqueza constitui-se o lembrar da infância, reabsorvê-la em si mesmo. Como afirma Bachelard (2006, p.130): *não expulse o homem cedo demais da cabana onde decorreu a sua infância*. A experiência da infância nos faz perceber que, mesmo quando esquecemos a fisionomia e a paisagem dos nossos sonhos, guardamos ao menos a sua atmosfera, a sua sonoridade e o aroma das coisas e dos seres.

Não podemos acreditar que a história é feita apenas de fatos. A história humana é feita de lendas e de realidade, onde a lenda pode ser uma realidade superior. É sob esse ponto de vista que valorizamos a diferença entre a lenda e o relato. O relato decompõe, enquanto a lenda constrói. Todos nós testemunhamos, quando nos lembramos de nossa infância, de um período legendário, já que a infância é na verdade legendária e sempre se encontra sendo construída e reconstruída através do devaneio.

Valorizar as qualidades sensíveis do ser nos remete a outra experiência presente na infância, onde o tato, o olfato, o paladar representam mais do que as medidas, as quantidades e a extensão. No processo de alfabetização espacial, narrado anteriormente, isso fica claro apenas como uma etapa a ser superada. A infância sem nomes próprios e sem história é ajudada pelas lembranças dos odores de outrora. As lembranças dos odores do passado podem ser reencontradas quando fechamos os olhos para saborear suas profundezas. No momento em que fechamos os olhos nos colocamos a sonhar. O odor que marcou nossas vidas, um odor amado pode estar no

presente ou no passado e marca o ápice de uma intimidade vivida. A infância como um feixe de odores; o ato de respirar como uma forma de encontrar o passado; o ato de respirar com a memória são exemplos das possibilidades a que nos referimos. Acreditamos que a infância contida em nós é algo que nunca se cura. Quem já se curou de sua infância? Quem já se curou de sua cidade natal, de seu bairro, de sua casa, de seu país? O espaço também se encontra nos odores, nos sonhos e nos devaneios. Sentimos o cheiro do mar, da rua onde morávamos, de estradas percorridas, de lojas, avenidas etc. Quando nos afastamos de nossa casa, de nossa rua, de nossa cidade, de nosso país, mais sofremos a nostalgia de seus odores. Podemos então perceber o espaço pelos odores em nossos sonhos e devaneios.

Reafirmamos a necessidade de contemplação dos sonhos, do devaneio, da imagem e da infância como elementos que coexistem na objetividade do raciocínio formal. A utilidade do inútil é algo necessário para repensarmos a utilidade do que aceitamos acreditar e precisamos rediscutir. Em função disso é que julgamos necessário perceber a relevância da dimensão dos sonhos na construção de qualquer reflexão bachelardiana. O autor revela a necessidade de considerar os sonhos para a construção da imagem do mundo e assim sugerimos para o ensino da Geografia. As Palavras de Maurice Barres (1996) são sugestivas: *a vida é insuportável para quem não tem sempre à mão um entusiasmo*.

Quando falamos e pensamos com o sonho não nos contentamos mais com a dialética da ordem e da desordem, do bonito e do feio, do não e do sim, pois não bastam para contemplar o fundo do nosso sonho.

Bachelard pode ser considerado um pensador que representou os primórdios dos paradigmas emergentes da complexidade, que se liberta da herança da ciência do século XIX. A ciência do século XIX caracteriza-se pela rigidez de pensamento, que não permite um trabalho livre, autônomo. A grande crítica que tentamos desenvolver, a partir deste autor, é sobre o fato de que não existem coisas simples, e sim simplificadas. Como eu não consigo compreender algo, eu simplifico para compreender.

A partir do raciocínio anteriormente desenvolvido é que julgamos relevante a discussão e a inclusão da dialógica na tentativa de compreensão da realidade. A dialógica encontra-se relacionada ao diálogo ou comunicação capaz de fazê-lo surgir

entre elementos que aparentemente não possuem chance de diálogo, pois são vistos apenas como elementos antagônicos. Na verdade, são antagônicos apenas aparentemente, mas permitem o diálogo e não só o silêncio. Nesse sentido, o referido autor nos ajuda a pensar dialogicamente. A ideia do pensamento dialógico visualiza a possibilidade do antagonismo, da concorrência e da complementaridade. Como exemplo, podemos citar a relação entre o local e o global. O global seria o par dialógico entre o local e o global, que permite o diálogo entre os dois termos. Com ele, percebemos a utilização das metáforas e seu aparente antagonismo com os conceitos. Metáfora e conceitos são também pares dialógicos, que permitem o antagonismo, uma dinamicidade, a concorrência e a complementaridade. É por esta razão que a dialógica constitui-se a partir das lógicas, onde a própria dialética apresenta-se como uma dessas lógicas.

O pensamento dicotômico caracterizado pelo ou/ou, típico da ciência moderna, pode ser repensado a partir das possibilidades da complexidade e da utilização do e/e. Não poderíamos mais pensar o mundo a partir de uma relação unicamente antagônica. Ex.: global ou local, certo ou errado, rico ou pobre. O pensamento complexo nos possibilita pensar o global e o local, o certo e o errado, o rico e o pobre, ao mesmo tempo em que pode desdobrar-se em um pensamento mais complexo, quando incluirmos o em/em. Ex.: pensar o certo no errado, o rico no pobre e o global no local.

Defendemos o pensamento a partir do paradigma de complexidade e não a partir do paradigma da complexidade. Quando falamos em paradigma de complexidade, nos referimos a uma situação em que todos os termos não estão postos, não são conhecidos, havendo zonas de ignorância mútua, pois podemos conhecer todos os elementos de uma dada realidade. Já o paradigma da complexidade pressupõe um paradoxo. Pressupõe que todos os elementos são conhecidos e que é possível arrumá-los. Acreditamos que o complexo foi aquilo que foi tecido junto e não o que se constituía como coisas distintas e que foram colocadas juntas.

Não devemos pensar que os mundos do real e do sonho sejam distintos. Em muitos casos eles se interpenetram, criando um terceiro mundo entre a realidade e o sonho. A própria objetividade dessas diferenças pode se tornar invertida. Em muitos casos, a realidade pode se dissolver cedendo lugar para a ficção, que se torna lúcida. Por que não fazer como um poeta, que não hesita em entregar-se por inteiro à

imagem? Como afirma Bachelard (2006, Pág.164), o que vem a ser um poema senão uma loucura retocada? “Um pouco de ordem poética imposta às imagens aberrantes? Defende-se então a utilização de forma inteligente e sóbria das drogas imaginárias, já que os devaneios, os loucos devaneios, conduzem a vida”.

Antes da cultura o mundo sonhava bastante. Os mitos saíam da Terra, desbravavam-na, para que, com o olho, contemplasse o céu. Os mitos encontravam a voz do homem que sonhava o mundo dos seus sonhos. Falar do processo de rotação da Terra a partir da razão é também oniricamente absurda. Como convencer a um sonhador que a Terra gira? É possível fazer sonhar com ideias ensinadas?

Pensar em uma Geografia que não se constitua apenas em uma ciência ou saber que descreve, está relacionado a essas possibilidades. Se compararmos com o poeta que não descreve e sim exalta, podemos pensar o mundo a partir de sua admiração e não, apenas, através de sua descrição. O mundo seria constituído pelo conjunto de nossas admirações. O poeta nos ensina que é preciso primeiro admirar para depois compreender. É nesse mundo, constituído por uma vida cósmica imaginada, imaginária, que os mundos diferentes se tocam e se completam. Em relação à escala de análise da realidade, podemos pensar que, se com o nado só conhecemos a linha reta, com o voo compreendemos a geometria do cosmos. Essa é uma forte analogia entre a visão oblíqua, com a qual percebemos o mundo, e a visão de cima, que representamos cartograficamente o mundo.

ALMEIDA, R.D. e PASSINI, E.Y. **O espaço geográfico ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 2002.

ALMEIDA, R.D. **Do desenho ao mapa. Iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2003.

ARAÚJO, A.F. **Imaginário Educacional: figuras e formas**. Niterói: Intertexto, 2009.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A intuição do instante**. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **O ar e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- BARBOSA, J.L. **A Arte de Representar como Reconhecimento do Mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social.** (in) GEOgraphia. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF.** Niterói/RJ, UFF/EGG, 2000 – ANO II, nº3.
- BARRIOS, S. In SANTOS, M. e SOUZA, M.A.(orgs). **A Produção do Espaço.** São Paulo: Ed. Nobel, 1986.
- BARROS, M. **O livro das Ignoranças.** São Paulo: Record, 2009.
- BARRES, M. **Los Desairragados.** Madri: Catedra, 1996.
- BAUMAN, Z. 2000. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, J. **Dicionário Mítico-Etimológico, Volume I.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. **Dicionário Mítico-Etimológico, Volume II.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CADERNOS do CEDES; CENTRO DE ESTUDOS EDUCAÇÃO SOCIEDADE. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 1980.
- CASSIRER, E. **A Filosofia das Formas Simbólicas.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CASTELLAR, S. (org.). **Educação Geográfica teorias e práticas docentes.** São Paulo: Contexto, 2005.
- CASTELLS, M. 1977. **The Urban Question.** Londres, Edward Arnold; trad. De La Question Urbaine (1972), Paris, Maspero.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** Campinas, SP: Papius, 1988.
- CHARDIN, P.T. **O Fenômeno Humano.** Porto: Tavares Martins, 1970.
- COLLODI, C. **Lê aventure di Pinocchio,** Florença, 1883; As aventuras de Pinóquio, trad. Marina Colasanti, São Paulo, 2002.
- COPÉRNICO, N. **As Revoluções dos Orbes Celestes.** Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.
- CORRÊA, Roberto Lobato. (2001). **Trajetórias Geográficas.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- DOIN, R. **Do desenho ao Mapa: iniciação cartográfica na escola.** São Paulo: Contexto, 2003.
- DUBORGEL, B. **Imaginário e Pedagogia.** Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica.** Lisboa: Edições 70, 1993.
- _____. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **Campos do imaginário.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ENTERPRISES, N.E.Thing. **O Olho Mágico.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido.** Coimbra: Almedina, 1980.
- FREUD, S. **Casos clínicos 1.** São Paulo: Imago, 1997,
- GIDDENS, A. 1991. **As Consequências da Modernidade.** S. Paulo, Ed. UNESP.
- GOODNOW, J. **Desenho de crianças.** Trad. Maria Goreti Henriques. Lisboa: Moraes Editores, 1979.
- GUADALUPI, Gianni; MANGUEL, Alberto. **Dicionário dos lugares imaginários.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HABERMANS, J. **Educação, certezas e apostas.** São Paulo: Unesp, 1998.
- _____. **Théorie de L'agir communicationnel.** Paris: Fayard, 1981.
- HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

- _____. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- HARVEY, D. 2001. **Spaces of captial: towards a critical geography**. Routledge, Nueva York.
- HEANEY, S. **La poésie, Le redressement**. Courier International, Paris, n° 261, 2 a 8 nov. 1995 (traduzido do jornal The Guardian).
- HESÍODO. **A Origem dos Deuses**. Rio de Janeiro: Terrano, JAA, 2006.
- _____, D. 1993. **Condição Pós-moderna**. São Paulo, Edições Loyola.
- HILLMAN, J. **Cem anos de psicoterapia...e o mundo está cada vez pior**. São Paulo: Summus, 1995.
- _____. **O Código do Ser: uma busca do caráter e da evolução pessoal**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAMESON, F. 2003. **O Espaço, a Fronteira Final**. São Paulo. Jornal Folha de São Paulo, 2 de novembro – caderno mais.
- LACOSTE, Y. **A Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra**. São Paulo: Papyrus, 2002.
- LEFEBVRE, H. **La Production de l’Espace**. Paris: Anthropos, 1974.
- _____, H. 1976. **Espacio y Política: el Derecho a la Ciudad II**, Barcelona, Península.
- LOVELOCK, J. **A Vingança de Gaia**. São Paulo: INTRÍNSECA, 2006.
- _____, H. 1999. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte, UFJG, Humanitas.
- MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- _____. **A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Tradução Aluísio Ramos Trinta. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- MEDEIROS, M. **Pessoas interessantes têm falhas**. Jornal o globo: 2009.
- MEU 1° ATLAS. IBGE. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.
- SOYA, E. 1993. **Geografias Pós-Modernas**. R. de Janeiro, Jorge Zahar Editor.